

“Juno – um filme multidisciplinar” – o cinema ampliando a relação entre bioética e educação em valores

“Juno – a multidisciplinary movie” – cinema expanding the relationship between bioethics and education in values

Roseli Pereira Silva*

RESUMO: Este artigo aponta para a necessidade de integração da Bioética e da Educação em Valores. Assumindo esta premissa, o presente trabalho, propõe a alternativa do cinema enquanto recurso privilegiado para a formação da cidadania do aluno, uma vez que o filme educa tanto pela via emotiva como pela via racional, impactando as pessoas, predispondo-as a refletir sobre as temáticas propostas e a repensar as suas posturas. O filme JUNO, por nós eleito para este artigo, traz, entre outros, os seguintes temas: sexualidade e gravidez na adolescência, aborto, adoção, assim como os dilemas morais correlatos a estes temas. Com base no referencial dos mais recentes teóricos da Educação em Valores e da Bioética, o objetivo deste texto é compreender o potencial pedagógico do cinema para a Educação em Valores e para os assuntos mais pungentes e relevantes no campo da Bioética. As nossas conclusões apontam para a necessidade da escola e da sociedade buscar novas alternativas que se configurem não só pelo seu valor metodológico, mas, acima disso, como referencial de trabalho na prática educativa e como estímulo para o desenvolvimento de novas pesquisas acadêmicas, assim como para a formação do alunado com vistas à cidadania, à equidade e aos direitos humanos.

PALAVRAS-CHAVE: Bioética. Educação - metodologia. Cinema como Assunto.

ABSTRACT: This article points out the necessity of integration of Bioethics and Education in Values. From this assumption, the work proposes the alternative of cinema as a privileged resource for developing citizenship of pupils, since the movie educates both by emotional and rational aspects, causing an impact in people, making them think about the thematic proposed and rethink their postures. The movie JUNO we chose for this article brings subjects such as: sexuality and pregnancy in adolescence, abortion, adoption, as well as the moral dilemmas linked to these subjects. On the basis of the reference system of the most recent theoreticians of Education in Values and those of Bioethics, this text make efforts to explain the pedagogic potential of cinema for Education in Values and for the most painful and relevant subjects in the field of Bioethics. Our conclusions point out the necessity of school and society to seek new alternatives that are shaped not only by their methodological value, but more than this as a reference system in educative practices and as an stimulus for the development of new academic research, as well as for preparing pupils regarding citizenship, equity and human rights.

KEYWORDS: Bioethics. Education - methods. Motion Pictures as Topic.

*O cinema ainda é capaz de nos mostrar a verdade
(eu me sinto mais confortável dizendo “uma” verdade)*

Win Wenders

INTRODUÇÃO

O desejo e a necessidade de escrever este artigo são imperiosos, já que Cinema e Bioética são temas que me são muito caros e instigantes. Contudo, ao mesmo tempo, relacionar Cinema^a e Bioética, por conta de suas características, definições e inserção social, nos convoca à responsabilidade. Em primeiro lugar, teríamos que eleger um filme, ora... Mas são tantos e com tantas possibilidades! Em segundo lugar, articulá-lo com a Bioética. Em que pese a tarefa ser de monta e, portanto, desafiante, ela é, acima de tudo, um

exercício de reflexão, algo inescapável à todo educador em tempos atuais. Portanto, sou grata pela tarefa e não tenham a esperança de que fecharei o assunto que aqui vou abordar, apenas espero suscitar novas reflexões, na medida em que a minha pretensão é instaurar conflitos – acredito que todos eles, quando não são ignorados, funcionam como *parteiros da consciência* – e mostrar algumas diretrizes em relação a eles, já que o que me interessa é o debate franco, democrático e esclarecedor.

ONDE ESTAMOS... UM OLHAR PARA O NOSSO MOMENTO

No início de um século tão marcado, quer pela agitação e pela violência, quer pelos progressos econômicos

* Psicóloga. Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo – FE/USP. Especialista em Psicopedagogia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Especialista em Orientação Vocacional pelo Instituto *Sedes Sapientiae*. Especialista em Gestão de Recursos Humanos e Psicologia Organizacional pela UMEESP/SP. Docente (graduação) e Coordenadora do curso de Pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional do Centro Universitário São Camilo. Psicóloga Clínica. Assessora Escolar, Familiar e Organizacional. E-mail: psicopedagogia@saocamilo-sp.br

a. Sem ignorar a distinção terminológica, usarei “cinema” e “filme” como sinônimos no âmbito deste trabalho.

e científicos (esses, aliás, desigualmente repartidos), no alvorecer de um novo milênio cujo momento nos deixa indecisos entre a angústia e a esperança, impõe-se que todos os responsáveis (pais, professores, políticos e pesquisadores) prestem atenção às finalidades e aos meios da Bioética e da Educação. Nessa perspectiva, ante aos múltiplos desafios do futuro, tanto a educação como a Bioética surgem como trunfos indispensáveis à humanidade na construção dos ideais da paz, da liberdade, da tolerância, dos princípios democráticos e da justiça social.

É momento de dirigir nossa atenção aos valores, atitudes e conhecimentos que contribuam para a edificação de uma sociedade inclusiva, solidária e participativa que queremos e devemos construir. O currículo tradicional, em certa medida, perdeu o significado para seus usuários, não representando mais o espaço de aprendizado para o mundo no qual estamos vivendo.

Segundo Machado,

(...) a ideia de cidadania encontra-se no cerne do discurso educacional, havendo um razoável consenso no que se refere ao fato de que a educação deve visar à formação do cidadão. Tal consenso, no entanto, revela-se ilusório, no mais positivo dos sentidos da palavra 'ilusão'. De fato, ao mesmo tempo em que ninguém se orgulha de estar 'desiludido', todos queremos ir além das ilusões. Em outras palavras é necessário preencher o espaço entre o discurso e a ação, semeando projetos que visem, efetivamente, à construção da cidadania através da educação (p. 7)¹.

É preciso aprofundar o caráter humanista da escola, em oposição à sua submissão aos valores de mercado, cuja preocupação única é a de formar consumidores e clientes, tornando a educação uma mercadoria submetida à lógica empresarial, acirrando o individualismo, o conformismo, a competição, a indiferença e, conseqüentemente, a exclusão, que, assim como a evasão e a repetência escolares, a ideologia da marginalidade e da discriminação sutilmente reproduzida nas escolas, são anomalias inaceitáveis. O espaço da sala de aula deve ser tomado como um espaço privilegiado de aprendizagens mútuas, de ousadias e de ressignificações; um espaço fomentador da cidadania, tanto para os professores como para os alunos. Desse modo, tanto a Bioética como a Educação Moral na escola, assim como novos pressupostos que, nesse sentido, desafiam hoje a conjuntura

educacional, contam com o impacto dos filmes, com seus enfoques e implicações pedagógicas.

Seja pela reflexão que aqui se instaura, seja pelas amplas possibilidades que nos oferecem a educação, a Bioética e o cinema, o presente trabalho pretende ser uma contribuição para esses desafios que hoje se impõem à todos nós, homens e mulheres, seja qual for o nosso campo de atuação. Abordaremos como o cinema pode articular as questões relativas à Educação em Valores e a Bioética, não só no espaço da sala de aula, mas no espaço da sociedade como um todo. Estão todos convidados, pois!

JUNO, O FILME

O filme desenvolve-se em torno de um enredo bastante singular, abordando a problemática da gravidez na adolescência, mostrando situações de uma menina de 16 anos chamada Juno, que engravida de seu companheiro de classe Bleeker e desiste de fazer um aborto. Felizmente, Juno tem o apoio do pai, da madrasta e da melhor amiga. Depois do choque inicial, ao perceberem que a jovem já tem uma vida sexual, a família se une para ajudar Juno. A jovem adolescente procura o casal "perfeito" para criar seu filho e encara situações delicadas e incomuns para sua idade. Seu pai acompanha Juno para avaliar os possíveis pais adotivos e se certificar de que eles não são um casal de lunáticos, enquanto a madrasta oferece apoio emocional a Juno, que enfrenta os preconceitos de uma gravidez prematura. Mas conforme Juno se aproxima do fim da gravidez, a vida supostamente idílica dos pais adotivos começa a dar sinais de que não é o que parecia.

Com o passar das estações, as mudanças físicas de Juno refletem seu crescimento pessoal e, com uma capacidade destemida de compreensão muito diferente das angústias de uma adolescente comum, Juno acaba enfrentando seus problemas de frente, mostrando atitudes inesperadas, exuberantes e inteligentes. Temos assim um filme tocante e que nos faz pensar e, nesse sentido, há que se perguntar: por que "Juno" é um filme multidisciplinar? A polissemia temática apresentada pela película, a saber: as vicissitudes da adolescência, a gravidez na adolescência, o aborto, a adoção, entre outros, nos levou a apresentá-la neste artigo, à luz da Bioética e da Educação em Valores. Tentaremos aqui fazer essa reflexão.

FALEMOS DE BIOÉTICA E EDUCAÇÃO EM VALORES

É necessário ratificar que a Bioética, sendo um tema da mais alta importância, jamais deverá estar apartado da educação. A educação, evidentemente, só tem sentido se for intrinsecamente ética e tanto ela como a Bioética são voltadas para a cidadania. A Bioética caracteriza-se pelos seguintes fundamentos: autonomia, justiça, respeito à dignidade das pessoas, a beneficência e a não maledicência. Ela nos permite fazer uma reflexão atualizada com os valores com os quais a humanidade se depara.

Considera-se o nascedouro da Bioética a obra de Van Rensselaer Potter: *Bioética: uma ponte para o futuro*; um marco importante para a genealogia dessa disciplina. Para Potter, a proposição do termo Bioética visava colocar em pauta que o conhecimento científico só seria válido se fosse associado a valores humanos.

A Bioética sendo entendida como o resgate da dignidade da pessoa e como meio de proporcionar melhor qualidade de vida a todas as pessoas, já que riqueza de uma nação é seu povo, somente a educação para a cidadania poderá dar credibilidade à bioética. Assim:

A bioética deve ser entendida nas relações humanas, só podendo ser percebida a partir do subjetivo, da visão de cada ser humano diante do mundo. Assim ela não deve ser uma teoria imposta ao comportamento, mas sim uma análise de valores das ações humanas. O ser humano não nasce nem humano nem ético ou antiético; ele nasce anético, com a possibilidade de se humanizar. É por meio desse processo de humanização que ele pode se tornar ético. O que caracteriza o humano é a cultura enquanto fenômeno simbólico, sendo a Bioética um fenômeno da cultura (p. 184)².

Não podemos deixar de, ao falar de Bioética, falar de ética e moral. Entendemos que a moral é normativa, uma imposição social, já a ética é – e sempre será – facultativa, portanto, fruto de uma decisão pessoal, que envolve responsabilidade pelas escolhas, fruto do exercício maduro e constante da autonomia, uma das prerrogativas da Bioética e dos claros – e caros! – objetivos da educação. Sendo a ética um modo de ser adquirido e conquistado pelo homem de maneira a que seus reflexos devam se dar no indivíduo e, conseqüentemente, em toda a sociedade.

A Bioética, enquanto um sofisticado produto da cultura, deve ser pensada e discutida a partir da relevância

social, já que ela sempre será uma Bioética das relações; ela emerge da percepção simbólica da existência do outro como sujeito ou objeto e da nossa necessidade de relacionamento social com respeito, confiança e liberdade. O princípio basal da Bioética é o que reconhece o papel de destaque na autodeterminação da pessoa.

Nesse contexto, qual o papel da escola na transmissão, questionamento e redimensionamento dos valores de nossa cultura? Impossível não levar em conta aspectos subjetivos para considerar tal questão. Assim vale lembrar que:

No transcorrer de seu trabalho, Piaget incorpora um outro tema na relação entre cognição e afetividade, que são os valores. Ele considera os valores pertencentes à dimensão geral da afetividade no ser humano e afirma que eles surgem a partir de uma troca afetiva que o sujeito realiza com o exterior, com objetos ou pessoas. Eles surgem da projeção dos sentimentos sobre os objetos que, posteriormente, com as trocas interpessoais e a intelectualização dos sentimentos, vão sendo cognitivamente organizados, gerando o sistema de valores de cada sujeito (p. 162)³.

Existem valores universais independentes das culturas? A escola pode – ou deve – se comprometer com tais valores? Que valores são desejáveis? Como eles podem ser inseridos em um currículo escolar? De acordo com Zabalza,

Dizer que não há educação sem valores não deixa de ser uma redundância: a educação trata justamente dos valores. Mas dito isso, o certo é reconhecer que apenas dissemos nada, porque o dilema não está entre valores sim ou valores não, mas sim entre quais valores (dimensão ideológica) e de que maneira se pode ter acesso a eles por meio dos mecanismos de influência que, supõe-se, as escolas e os educadores possuem (dimensão técnica) (p. 21)⁴.

Como se vê, o tema é complexo e requer múltiplas formas de abordagem, já que a sustentabilidade do planeta, nas suas dimensões física, social, política, econômica, espiritual, moral, interpessoal, passa, sem dúvida nenhuma, pela formação ética dos indivíduos.

Nenhum estilo de educação terá sentido se não estiver comprometido com valores. São essas grandes orientações que ajudam a dar sentido à vida, a se formar como pessoa ajustada e responsável. Vemos que é esse o grande problema da educação nos dias atuais, assim,

(...) ir à escola deve significar ter oportunidades para formar-se, para desenvolver-se como pessoa, para ir crescendo em todas as dimensões humanas (não apenas no conhecimento, mas, também, nas atitudes e no afeto, na imaginação, no respeito aos demais, na curiosidade, no apreço por si mesmo e pelo que nos rodeia, na capacidade de assumir compromissos, etc.) (p. 22)⁴.

Acreditamos que a escola precisa estar mais sintonizada com os movimentos sociais e atenta às transformações que esses movimentos impõem. Nunca é demais lembrar que uma das funções que a sociedade delegou à escola é a promoção da possibilidade de construir valores que lhe identificam, caracterizam e permitem a vida em grupo. Assim, respeito, solidariedade e cooperação são valores a serem construídos por professores e alunos no cotidiano escolar.

E O CINEMA COM ISSO?

Dada a natureza multifacetada, tanto da Bioética como da Educação em Valores, torna-se pertinente que a análise das questões bioéticas e educacionais sejam enriquecidas pela contribuição das áreas das Ciências e das Artes em geral e do Cinema em particular. Desse modo, poderemos refletir sobre situações particulares que suscitam questões (bio)éticas antes de sermos confrontados com elas, tendo assim a oportunidade de invocar / narrar o que a Humanidade silenciou pela incapacidade de dar sentido ao incompreensível, de modo a criarmos a ponte sugerida por Potter em sua obra inaugural de Bioética, *A Bridge to the Future*, estabelecendo a necessária ligação entre as Ciências da Vida e a Arte que cria e reflete sobre a vida de todos nós. Vamos contar um pouco da história do cinema e de sua possível disseminação da Bioética e da Educação em Valores.

No dia 28 de dezembro de 1895, na primeira exibição pública de cinema, Lumière dizia que o "cinematographo" não tinha o menor futuro como espetáculo, era um instrumento científico para reproduzir o movimento e só poderia servir para pesquisas. Mesmo que o público se divertisse com ele, seria uma novidade de vida breve, logo cansaria. Sabemos que Lumière enganou-se, contudo mais de um século se passou e as possibilidades de uso do filme na escola ainda estão sendo subestimadas.

Das muitas dificuldades que vivenciamos hoje na Educação Escolar, uma delas tem se restringido à pergun-

ta: como fazer circular o arcabouço da Bioética a da Educação em Valores na escola? Como preparar os professores para tal empreitada?

Com o intuito de fazer circular livremente as ideias, promover o exercício de reflexão sobre os valores e a revisão de posturas individualmente assumidas (e tantas vezes socialmente descomprometidas), é preciso trazer para a sala de aula situações representativas dos conflitos, tensões e sentimentos próprios da vida. Essa é a razão pela qual o cinema se apresenta como possibilidade concreta, oferecendo recursos imensos para a consecução dessa tarefa. Nesse sentido, vale lembrar a crítica de Magno:

Apesar das novas propostas pedagógicas e mesmo frente à necessidade de o atual sistema incorporar os meios de comunicação em seus currículos, o Cinema, diferentemente do ensino de Literatura, das Artes Plásticas e da Música, continua transitando entre o fascínio que desperta e o temor de não se saber como abordá-lo além de sua utilização ilustrativa de visões e interpretações histórico-culturais. Poucos são os que se aventuram a encará-lo como linguagem que exige estratégias de abordagens e metodologias específicas, não se dando conta de sua ampla interdisciplinaridade (p. 113)⁵.

O cinema é tido como um dos mais poderosos meios de comunicação de massa do século XX e XXI, razão pela qual não se pode ignorar a força, nem malbaratar o grande poder de educação oferecido por esse meio. Os filmes são uma fonte de conhecimento e se propõem, de certa forma, a "reconstruir a realidade". A linguagem cinematográfica tem o mérito de permitir que a relação entre filmes e imaginário social aconteça.

Para uns o cinema tem que emocionar. Para outros, os atores comandarão as escolhas: vedetismo, grandes nomes. Outros mais o verão como distração, algo que liberte das preocupações diárias, uma bela história, paisagens bonitas. E haverá também aqueles que lerão todas as críticas para discordar delas ou os que só o admitirão pela TV, 'porque não dá mais pra sair de casa atualmente'. Todos têm suas razões igualmente válidas. O cinema é tudo isso e muito mais. Qualquer que seja a abordagem, ele se tornou inegavelmente uma das grandes fontes ("usina de sonhos", dizia um antigo escritor) inspiradoras e modeladoras de valores ideais de vida, anseios e desejos e, é claro, responsável

também por muitas frustrações, decepções e problemas pessoais e sociais (p. 68)⁶.

Ora, o que se tem nessa linguagem é o reforço da impressão de realidade que caracteriza os filmes, surgindo, assim, um outro nível de percepção. A exposição de fatos, histórias e narrativas pela linguagem do cinema realça a realidade, dando maior visibilidade a ela, mostrando, muitas vezes, algo que nós, de uma forma ou de outra, às vezes não podemos (ou "insistimos em não") perceber.

De repente, porém, algo me chama a atenção. Talvez uma cena, talvez uma palavra, talvez uma frase musical... E resolvo entrar no mundo da obra, abro-me ao apelo que ela me lançou, acolho ativamente as possibilidades que este mundo me oferece, e começo a acompanhar com atenção o ritmo e os diálogos do filme. (...) inserido no dinamismo transbordante da obra, instaura-se um âmbito de realidade que me entusiasma e o entusiasmo transfigura o meu olhar, o meu rosto, a minha voz, os meus gestos. Percebo-me atraído, conquistado pela realidade artística. O meu ser inteiro experimenta uma elevação consciente a um nível de criatividade inesperado. Sinto-me em consonância com os personagens do filme, identifico-me com eles, construo com a imaginação uma e outra vez a ação que se descreve. (...) Neste momento estou recriando a obra de arte e fundando com ela um campo de sentido (p. 75)⁷.

A experiência estética que o cinema proporciona abre-nos, sem dúvida, para uma compreensão mais radical da realidade e do ser humano. É uma obra de arte com a qual nos relacionamos de maneira a iluminar a nossa percepção do mundo e, claro, uma via de acesso a nós mesmos; uma convocação instigante que nos faz repensar nossas atitudes e reavaliarmos nossos valores; uma provocação inquietante para questionarmos possíveis conivências nossas com a falta de criatividade, com a mediocridade, que é mostrada, muitas vezes em comportamentos rígidos, intolerantes, niilistas, autoritários e materialistas. Talvez seja precisamente nesse ponto que descobrimos, atrás dessas possibilidades estéticas, as possibilidades educativas e éticas do cinema.

Cinema é arte, é diversão, é indústria e, desde o final do século passado, vem encantando pessoas de todas as idades. Se mergulhar no universo do cinema é poder viver uma grande emoção, por que não aprender também?

Será que o cinema é apenas diversão, sem nenhum valor educativo?

Ora, as questões da vida real não são sistematizadas. A realidade muitas vezes se nos apresenta de modo ambíguo e paradoxal. Portanto, a relação entre a aprendizagem na escola e a vida real poderá acontecer de múltiplas formas e, nesse caso, o cinema talvez seja um bom recurso para abarcar a vida de modo a romper com a rigidez da sistematização escolar, por exemplo. Concordamos com Moraes quando afirma que:

Compreendendo o cinema como arte, estamos atentos ao poder transformador da percepção que toda a arte possui. (...) Tomamos o cinema como um novo instrumento de percepção da realidade, porque ele apresenta uma nova linguagem, diversa da literatura e demais artes, diversa da ciência (p. 3)⁸.

O cinema traz possibilidades infinitas, no sentido de promover a contemplação de valores, a partir dos pontos de vista político, estético e ético. Em produções que se consagraram como verdadeiras obras de arte, conquistou o respeito de artistas, escritores e intelectuais em todo o mundo, fazendo parte do dia a dia de todos nós. Se foi criado, em princípio, para exposições científicas e, depois, aproveitado para fins lucrativos por uma burguesia ascendente e ávida de lucros, não quer dizer que não possamos tomar tal invenção e transformá-la em recurso educativo de grande poder.

O cinema é hoje um comunicador de mitos. É o mais ágil e, talvez, aquele que tem uma linguagem mais próxima das representações pictóricas da vida mental, tanto no plano da vigília como no da vida onírica. Ainda que se mantendo virtual nos filmes, a imagem ganha objetivação e um certo grau de realidade. Difícilmente um filme não veicula mitos, sejam coletivos ou individuais. Por definição, os mitos estão para a coletividade como os sonhos para o indivíduo. Mas há mitos mais pessoais, ou mais referidos a pequenos grupos, que outros. Uma observação mais atenta permitirá também estabelecer certas conexões entre os mitos que instrumentam a cultura de uma época e o êxito de certas películas, nas quais algumas tragédias modernas ganham maior transparência (p. 10)⁹.

Sabemos que a implantação da Educação em Valores nas escolas, a possibilidade de trabalhar com valores e sentimentos e o desafio de trazer a Bioética para as salas

de aula são propostas ainda incipientes, que trazem polêmicas, perguntas, tensões e resistências: como preparar os professores? Como fazer para integrar esses conteúdos no âmbito escolar? Como lidar com a perspectiva de formação humana rompendo com a tradição conteudista de ensino? É claro que passar filmes para alunos nas escolas ou mandá-los assistir em casa tem sido uma prática, até certo ponto, usual. Contudo, é preciso ressignificar essa prática, otimizar seu uso dentro da escola, aproveitar a linguagem cinematográfica – que funciona, também, como reconstrução da realidade – para dar sentido e vivificar os assuntos relativos a esses conteúdos, promovendo debates, reflexão e, conseqüentemente, “desestabilizando” dogmas. A obra de arte em geral e o cinema em particular, com certeza, plasman, em imagens, diversos temas que, por dizerem respeito a nós, por interferirem na nossa compreensão das múltiplas tensões da vida, possuem necessariamente uma dimensão ética a ser destacada. Assim como Madureira, acreditamos que

(...) a arte em geral tem papel formativo no campo do ensino da ética e pode mostrar-se fundamental, na medida em que nos ajude a conceber uma ‘ética estética’ carregada de estímulos que atuem como argumentos originais e entusiasmantes, sem se recair em esteticismos cuja atração vertiginosa possa provocar um entendimento parcial e limitado da vida humana (p. 148)⁷.

Ao lado da perspectiva artística, é evidente que a tecnologia pode e deve também fazer parte do cotidiano escolar. Os recursos oferecidos por ela são de monta e, no que diz respeito às películas cinematográficas, vale a pena lembrar as palavras de Bittencourt:

A leitura do filme do ponto de vista pedagógico deve se ater a uma reflexão sobre um elemento técnico importante: o vídeo. Este recurso técnico deve ser considerado quanto à sua popularização em dois sentidos. Inicialmente quanto à possibilidade que o professor tem de controlar cenas – pode-se voltar às cenas consideradas mais importantes e que merecem discussões, pode-se restringir cenas, etc. (s/d)¹⁰.

Já Napolitano aposta na utilização do filme como sensibilização, isto é:

do meu ponto de vista é o tipo de uso mais importante na escola. Um bom vídeo é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar curiosi-

dade e a motivação para novos temas. Isto facilita o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria (p. 34)¹¹.

Para Martinelli¹², deve-se inserir os filmes no cotidiano escolar, pela possibilidade de promover boas ocasiões para a integração de conteúdos, para o aumento da socialização entre os alunos, para a análise crítica do funcionamento dos sistemas sociais e para uma relação mais profunda com as pessoas, com o mundo e com a natureza. Assim, os filmes configuram um instrumento eficiente para viabilizar uma discussão complexa, sutil e fundamental sobre as agruras e os destinos dos heróis e personagens principais das narrativas e, conseqüentemente, para a construção da cidadania e da personalidade moral.

Diferindo das verborreicas e monótonas aulas de Educação Moral¹³, o cinema nos parece mais compatível com a ótica construtivista por nós assumida. Isso porque (...) Assumir o construtivismo como uma aventura do conhecimento pressupõe dar voz aos estudantes, promover o diálogo, incitar-lhes a curiosidade e a questionar o cotidiano e os conhecimentos científicos e, acima de tudo, dar-lhes condições para que encontrem as respostas para suas próprias perguntas. Isso tanto do ponto de vista individual quanto do coletivo (p. 45)¹⁴.

Segundo Araújo¹⁵, o enfrentamento de aspectos da vida corporificados nas pessoas dos personagens (dinheiro, felicidade, etc.) em narrativas históricas ou contemporâneas, tão típicas do cinema, traz para o espectador a possibilidade de rever (ou reviver) valores e posturas a partir de aspectos emocionais próprios da humanidade (vida e morte, amores impossíveis, conflitos, etc.).

A pretendida combinação entre as dimensões afetiva e cognitiva é, de fato, uma ousadia, tendo em vista a tradição do ensino escolar. Isso porque, à luz das novas propostas da educação, as emoções e os conhecimentos vividos no filme recuperam o inevitável confronto (e às vezes, quem sabe, a concorrência) entre a narrativa escrita (presente na escola sob a forma de história literária e de análise de textos) e a narrativa audiovisual, que, como se sabe, atualmente desempenha papel preponderante na “formação do imaginário das nossas crianças, adolescentes e adultos”. De acordo com Costa,

a introdução do cinema na escola (e mais em geral, a presença da problemática relativa às linguagens au-

diovisuais) torna-se um momento de confronto entre um tipo de cultura icônica (a mensagem em todas as suas possíveis articulações e em suas integrações com a palavra), que tem, de fato, cada vez mais importância nos processos informativos e 'formativos' (p. 39)¹⁶.

Elegemos aqui o cinema, acreditando no poder das múltiplas linguagens do filme (a imagem, a música, a ação, a narrativa e a palavra), no seu indiscutível potencial para atrair o sujeito (razão e emoção) e ainda na pertinência da arte (ou técnica?) cinematográfica como recurso na formação humana. Lembrando que os dramas, além da sua conotação romântica, referem-se também a um conjunto de atos que envolvem um enredo e a interação dinâmica entre os participantes: a vida propriamente humana.

Os melhores filmes são aqueles capazes de provocar uma reação emocional, fugindo à banalização. Essa é a função do olho cinematográfico! O *touché* da linguagem em movimento! Assim, com este trabalho ensinamos ver reunidas nos tempos, espaços, projetos e práticas do cotidiano escolar e dos processos educacionais deste modo: o cinema (sempre lembrado como produção artística, de circulação de afetos e de fruição estética e não só como indústria cultural), a Educação em Valores e a Bioética devem ser vistas como "*artes*", que aqui, mutuamente, se completam e se encantam.

Diante das questões relacionadas a: 1) preconceito, xenofobia, racismo e da discriminação contra indígenas, negros, mulheres, pobres, deficientes e homossexuais entre outras formas de exclusão presentes na sociedade contemporânea e 2) o debate ético na área das ciências biológicas dirigido para as manipulações genéticas, os direitos reprodutivos (concepção, contracepção, aborto, infertilidade), saúde mental, eutanásia, doentes terminais e sexualidade, urge instaurar uma pedagogia por meio da qual os professores venham dar a sua contribuição para diminuir e, quiçá, eliminar mazelas relacionadas à esses temas.

É necessário conscientizarmo-nos de que os filmes se realizam tanto em nossas mentes como em nossos corações, como verdadeiros mundos imaginários, construídos a partir de linguagens e técnicas que, para além de meros acessórios comunicativos de fábulas abstratas, têm uma estrutura comunicativa, estética e ética que dá sentido à história filmada.

De acordo com Ricoeur, podemos afirmar que o filme é a mediação

(...) pela qual nos compreendemos a nós mesmos (...) contrariamente à tradição do cogito e à pretensão do sujeito de conhecer-se a si mesmo por intuição imediata, devemos dizer que só nos compreendemos pelo grande atalho dos sinais da humanidade depositados nas obras da cultura (p. 57)¹⁷.

Destarte, em se tratando de obra de arte, é preciso que haja certa liberdade de interpretação. Diferentes interpretações são, acima de tudo, possibilidades diferentes de olhar para os filmes. O reconhecimento do valor educativo, instrucional e não só artístico da produção cinematográfica é ainda muito restrito. Esperamos que este texto, como um pequeno guia pedagógico e cultural, possa ser mais um subsídio para suprir essa carência.

POR QUE, ENTÃO, "JUNO", O FILME?

O filme Juno traz temas como a escolha e a autonomia, permeadas pelas circunstâncias da gravidez, aborto, adoção, crescimento pessoal, entre outros. Na verdade, trata-se de um sereno poema moral, antes de qualquer coisa construído a partir de tantas e dilacerantes crises de seus personagens, manifesto em defesa da fraternidade como regra de vida. Juno MacGuff, uma adolescente confiante e honesta que toma as rédeas de sua vida ao escolher um "caminho" de nove meses rumo à vida adulta. Esperta e muito peculiar, Juno entra nos corredores da escola onde estuda em seu próprio ritmo, mas, por trás de sua aparente segurança, existe uma garota que, simplesmente, tenta entender as coisas. Em vários momentos do filme, ela declara que está sem saber quem é, pensamento corrente na maioria dos adolescentes.

Poderíamos aqui discorrer sobre a adolescência e suas vicissitudes, além, é claro, da questão tão pungente nos dias de hoje como é o caso da gravidez na adolescência, ou gravidez precoce, não planejada ou indesejada, etc. No entanto, não o faremos, não porque não atribuímos importância a essas questões, mas, além de não caber nos limites propostos para este artigo, faremos uma escolha, assim como Juno, e privilegiaremos os temas: autonomia e escolha entre o a aborto e a adoção. Cabe salientar que esses dois assuntos, na grande maioria das vezes, são abordados de forma preconceituosa e não de forma crítica e, principalmente, solidária, já que o preconceito:

É um conceito formado antecipadamente e sem fundamento razoável; uma opinião formada sem reflexão, sem base; é uma ideia que não leva em conta os fatos, mas o que se 'diz sobre ele'. O preconceito se desenvolve a partir de influências que experiências passadas generalizadas têm sobre os indivíduos. A sociedade cria preconceitos sobre aqueles que são estigmatizados. Exclui os diferentes como uma maneira de tentar garantir a sua própria normalidade (p. 19)¹⁸.

Assim, o filme nos instiga a analisar a questão do aborto, tema sempre polêmico e que a própria Bioética tem procurado contextualizar. Juno, inicialmente, opta pelo aborto, mas não leva esse intento adiante, parece que não se vê naquela situação e, de acordo com sua consciência, resolve que dará a criança para a adoção, mostrando a condição maior de sua liberdade; liberdade essa que deve ser examinada

em relação ao conceito de autonomia, entendida como capacidade de autocontrole, autodeterminação individual, base necessária para dar sólido fundamento à vida social. É livre quem é consciente de seus deveres e direitos, e capaz de conduzir-se autonomamente na vida. Portanto, liberdade não é um dado imediato, como creem os teóricos dos direitos naturais, mas é o resultado mais importante da educação (p. 62)¹⁹.

O conceito de liberdade, por esse prisma, vem intimamente ligado ao de responsabilidade, já que todo ato de liberdade implica atitudes responsáveis que, via de regra, sempre implicam outras pessoas em outras circunstâncias, ou seja, determinadas atitudes devem ser tomadas com a consciência de que, ao fazê-lo, não se faz como um ser só – se compartilha o mundo com outras pessoas, que também têm desejos, expectativas, conflitos, sentimentos, etc. Assim, a condição de empatia, que poderemos também chamar de compaixão (paixão compartilhada – que não deve ser vista como caridade), talvez seja condição necessária para se pensar a Bioética e a Educação em Valores. Mas... E a autonomia?

A palavra autonomia deriva do grego *autos* (próprio) e *nomos* (regra, governo ou lei). A pessoa autônoma é aquela que possui a capacidade de autogoverno, o que inclui a compreensão, o raciocínio, a deliberação e a escolha independente. Contudo, nossas escolhas são influenciadas por vários fatores; além dos subjetivos, há também os fatores sociais, culturais, econômicos e morais. Assim,

podemos considerar que nossas decisões são determinadas por diversos fatores externos e internos a nossa individualidade. Portanto, respeitar a autonomia de outrem não é apenas recorrer a sua autodeterminação, mas ajudar essa pessoa a ir ao limite de si mesma, ajudá-la a descobrir e a escolher o que está de acordo com o sentido do respeito à dignidade humana²⁰.

Quando Juno se dá conta de que não está preparada para ser mãe e advoga a genuína preocupação com o bem-estar da criança, ela sem dúvida manifesta "uma" ética. Aqui lembramos de Gilligan²¹ quando ela, em sua obra fundamental *Uma voz diferente*, disserta sobre uma ética do cuidar, que estaria para as mulheres, assim como a ética da justiça estaria para os homens.

A ética do cuidado, apreendida na forma como as mulheres respondem a dilemas morais, traduz-se em busca de intimidade e sensibilidade às necessidades do outro, diferenciando-se da ética do direito, que vinha fundamentando a psicologia do desenvolvimento moral, centrada na busca de realização individual, levando à definição de maturidade como sinônimo de autonomia pessoal. Segundo Gilligan, as mulheres norteiam-se por um princípio moral distinto, que as leva a priorizar o outro em suas ações morais, indo além do princípio de justiça. Suas respostas surgem como indicativas do cuidado e interesse pelo outro que fundamentam a Psicologia do desenvolvimento das mulheres e são responsáveis pelo que é tido em geral por problemático em sua natureza (p. 113)²².

O filme nos coloca, portanto, frente a frente com outro tema bastante polêmico que é a adoção. Como a sociedade brasileira vê a criança adotada? Como são vistos pais adotivos? Ou ainda, que tipo de julgamento se faz para quem dá um filho para a adoção?

Na verdade, ao falarmos de adoção, muitas vezes certo preconceito é invocado e, quando isso ocorre, é necessário identificá-lo e, então, falar dele, informar, transformar, mudar. A questão da adoção sempre desperta olhares enviesados no que diz respeito à sociedade brasileira, em geral. Quando se fala dela, é de forma sussurrada, com olhar de pena para com o adotado e pensando no quanto ele foi abandonado, não desejado pelos pais biológicos, ou, ainda, que os perdeu quando nasceu... Que trauma! Isso sem falar no que se pensa da mãe que dá o filho para a adoção, sem pensar em quais seriam suas razões, suas condições socio-culturais, seus motivos, sua subjetividade. Sabemos que a

adoção não é apenas um ato jurídico que legitima a filiação, mas que envolve aspectos psicológicos e sociais.

No caso do Brasil, o que se vê ainda é muita falta de informação e esclarecimento, coisa que em outros países não acontece, de acordo com Weber¹⁸; o brasileiro ainda dá preferência a crianças de determinada etnia, além, é claro, da dificuldade de se falar no assunto seja no âmbito público: “*não vamos ficar comentando isso por aí*”, como no privado: “*não vamos dizer a ele(a) que ele(a) é adotado*”. A autora declara, ainda, que, de maneira bem diferente da nossa, em outros países, os casais que desejam adotar uma criança passam por um processo de apoio, aconselhamento e preparação, frequentam cursos, têm suporte psicológico, frequentam grupos por afinidade e, ainda, têm contato frequente com literatura acerca do assunto.

“Parece evidente que os estrangeiros mostram-se mais flexíveis quanto às características da criança, prevalecendo o desejo de serem pais e não o desejo de escolher seu filho.” (p. 155)¹⁸.

Segundo Tortato²³, em outro estudo da mesma autora, intitulado *Adoção e Interação Familiar: uma comparação entre famílias adotivas e biológicas* (2007), foram feitos questionários a 600 pessoas – 300 filhos adotivos e 300 biológicos –, de diferentes partes do país, com idades de 8 a 56 anos. A conclusão, segundo Weber, “desmistifica a filiação adotiva”, por revelar que a família adotiva tem as mesmas características da família biológica, e também por derrubarem tabus e preconceitos sobre a adoção. Um dos tabus que caem, aponta a pesquisadora, é o de adiar o máximo possível a revelação de que o filho é adotado. A pesquisa apontou que, quanto mais cedo a criança tomar conhecimento, mais elevada é a sua autoestima.

Todos os filhos adotivos ouvidos na pesquisa sabiam de sua condição. Entre as crianças, o índice de elevada autoestima superou 80%. Com o avanço da idade, essa taxa tem forte queda: é de cerca de 35% em adolescentes adotados e cai para 15% em adultos. Para Weber, a baixa autoestima dos adultos adotivos se deve ao preconceito que envolvia a prática no passado. “O filho adotivo era considerado de ‘segunda classe’, e só se falava sobre adoção por sussurros”. O resultado “indica uma redução do preconceito em relação às adoções atuais”, afirma Weber²³.

Quando descobre que ficou grávida, Juno e sua melhor amiga, Leah (Olivia Thirlby), arquitetam um pla-

no para encontrar os pais perfeitos para o futuro bebê. É então que elas encontram Mark e Vanessa Loring, um abastado casal que pretende adotar seu primeiro filho. É consensual entre especialistas da área que, quando se pensa nas necessidades físicas, sociais, mentais e emocionais, ou seja, na saúde da criança como um todo, pensa-se em vínculos minimamente estáveis e confiáveis.

Nenhuma criança pediu para nascer, nem o desejou desta ou daquela forma. Entretanto, em cada criança que nasce, a humanidade recomeça. Evidencia-se a luta contra morte, abrindo o caminho pela continuidade dos homens. O que está em jogo é a vida em sentido pleno. Assim surge a responsabilidade diante de um objeto que não foi consultado previamente sobre seu desejo de existir ou não (p. 417)²⁴.

Claro está que não está se fazendo aqui apologia da gravidez na adolescência com posterior possibilidade de adoção, como se estivéssemos isentando os adolescentes de sua responsabilidade, no que diz respeito ao exercício pleno da sua sexualidade; o que está em jogo é a análise do filme *Juno* e as questões relevantes e inusitadas que ele suscita.

Os valores que acompanham as sociedades são como um “código de ética”, grandes orientações mais ou menos gerais, que cada sociedade estipula para seus membros. De forma compatível com o seu momento histórico e sua produção cultural, cada grupo social, portanto, desenvolve o seu conjunto de valores. Já faz parte do senso comum dizer que a nossa sociedade está em crise e essa crise passa por fatores econômicos, sociais, culturais e, naturalmente, atinge seus valores. Esse movimento dinâmico da sociedade exige uma resposta das instituições que a compõem, pois:

Evocar a noção de crise de valores na sociedade atual tornou-se lugar comum, reforçada pelo sentimento que toma conta dos atores que participam das instituições culturalmente responsáveis pela educação das futuras gerações: professores, professoras, pais e mães (p. 9)²⁵.

A democracia, por sua vez, nos ensina sobre a necessidade de um consentimento prévio para qualquer relacionamento com o outro, cujo conceito está fundamentado na noção bioética de liberdade e autonomia de cada indivíduo. A noção de liberdade parte da premissa de que cada pessoa dispõe de sua própria vida, sendo exatamente esse estado ou condição de livre-arbítrio que nos outorga o direito de dispormos de nossa integridade física e psíquica.

Não devemos generalizar o que é ético e o que não é ético. A Bioética deve ser avaliada em cada caso. Por exemplo, em algumas situações, a prática da adoção (seja recebendo ou encaminhando uma criança) e até mesmo a prática do aborto podem ser vistas como atitude ética, em outras, não seria entendida como tal. Sob o ponto de vista bioético, cada situação deverá ser avaliada de forma isolada, onde cada caso é um caso.

Como se vê, o tema é complexo e requer múltiplas formas de abordagem, já que a sustentabilidade do planeta nas suas dimensões física, social, política, econômica, espiritual, moral, interpessoal passa, sem dúvida nenhuma, pela formação ética dos indivíduos.

Nenhum estilo de educação terá sentido se não estiver comprometido com valores. São essas grandes orientações que ajudam a dar sentido à vida, a se formar como pessoa ajustada e responsável. Vemos que é esse o grande problema da educação nos dias atuais, assim,

(...) ir à escola deve significar ter oportunidades para formar-se, para desenvolver-se como pessoa, para ir crescendo em todas as dimensões humanas (não apenas no conhecimento, mas, também, nas atitudes e no afeto, na imaginação, no respeito aos demais, na curiosidade, no apreço por si mesmo e pelo que nos rodeia, na capacidade de assumir compromissos, etc.) (p. 22)⁴.

Construir um movimento bioético democrático e progressista coloca-se no centro das bandeiras táticas importantes que visam combater o enfeudamento do conhecimento nas mãos das classes dominantes; garantir os direitos de mulheres e homens; despertando a consciência bioética é, conseqüentemente, investindo num projeto de futuro, na luta sempre pertinente e implacável pelos direitos humanos.

Entendemos que a função da Bioética e da Educação em Valores esteja na possibilidade de sentir e pensar as relações humanas e as suas conseqüências. Por esse motivo é fundamental refletir sobre os conflitos que as relações tão complexas nos trazem. Será por meio de discussões amplas e sem preconceitos que poderemos desenvolver e ampliar as três dimensões educacionais citadas por Rios¹⁹, a saber: técnica, política e ética.

Acreditamos que a escola precisa estar mais sintonizada com os movimentos sociais e atentas às transformações que esses movimentos nos impõem. Nunca é demais lembrar que uma das funções que a sociedade delegou à educação em geral e à escola em particular é a promoção da possibilidade de construir valores que lhe identificam, caracterizam e permitem a vida em grupo. Assim, respeito, solidariedade e cooperação são valores a serem construídos por todos nós numa dimensão mundial.

Que assim seja.

REFERÊNCIAS

1. Machado NJ. Cidadania e Educação. 3a ed. São Paulo: Escrituras; 2001.
2. Cohen C. Como ensinar bioética. In: Pessini L, Barchifontaine C. Bioética e longevidade humana. São Paulo: Centro Universitário São Camilo / Loyola; 2006.
3. Arantes VA. Afetividade no cenário da educação. In: Oliveira MK, Rego T, Souza D, organizadores. Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida Contemporânea. São Paulo: Moderna; 2002.
4. Zabalza M. Como educar em valores na escola. Rev Pátio, Porto Alegre. 2000 Jul;4(13):21-4.
5. Magno MIC. Videografia. Rev Comun Educ, São Paulo. 1998 Abr;(11):113-5.
6. Vasques CM. Cinema, TV e violência. THOT Rev Assoc Palas Athena, São Paulo. 2001 Abr;(75):67-72.
7. Madureira J. Gabriel Perissé. Filosofia, Ética e Literatura: a Proposta Pedagógica de Alfonso López Quintas [tese]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo-FE/USP; 2003. (doutorado em Filosofia da Educação)
8. Moraes A. Escola vista pelo cinema. Anais do II Congresso Luso Brasileiro de História da Educação – FE/USP; 1998.
9. Zuzman W. Os filmes que eu vi com Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1994.
10. Bittencourt C. Cinema, vídeo e ensino de história. s/d. (mimeo).
11. Napolitano M. Como usar o cinema na sala de aula. São Paulo: Contexto; 2003.
12. Martinelli M. Conversando sobre educação em valores humanos. São Paulo: Fundação Peirópolis; 1999.
13. Puig JM. A construção da personalidade moral. São Paulo: Ática; 1998.
14. Araújo UF. Temas transversais e a estratégia de projetos. São Paulo: Moderna; 2003.
15. Araújo I. Cinema – o mundo em movimento. São Paulo: Scipione; 1995.
16. Costa A. Compreender o cinema. Rio de Janeiro: Globo; 1987.
17. Ricoeur P. Interpretação e ideologias. 4a ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1990.

18. Weber LND. Aspectos psicológicos da adoção. 2a ed. Curitiba (PR): Juruá; 2003.
19. Rios TA. Ética e competência. 18a ed. São Paulo: Cortez; 2008.
20. Durand G. Introdução geral à Bioética: história, conceitos e instrumentos. São Paulo: Loyola; 2003.
21. Gilligan C. Uma voz diferente. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; 1982.
22. Montenegro T. O cuidado e a formação moral na educação infantil. São Paulo: EDUC/FAPESP; 2001.
23. Tortato M. Para filhos, pais adotivos são mais receptivos. Folha de São Paulo. São Paulo, Caderno Cotidiano, de 2 de junho de 2007. p. 10.
24. Zancanaro L. Bioética e Educação: um novo desafio para a escola. Mundo Saúde. 2005 Set;29(3):411-7.
25. Araújo UF, Aquino JG. Direitos humanos na sala de aula: a ética como tema transversal. São Paulo: Moderna; 2001.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- Arantes VA. Cognição, afetividade e moralidade. Educ Pesquisa, São Paulo. 2001;26(2):137-53.
- Araújo UF. Escola, democracia e a construção de personalidades morais. Educ Pesquisa, São Paulo. 2001;26(2):91-107.
- Araújo UF. Apresentação à edição brasileira. In: Busquets MD, et al. Temas Transversais em educação. 4a ed. São Paulo: Ática; 1998.
- Arendt H. A crise na educação. In: Entre o passado e o futuro. São Paulo: Perspectiva; 1972.
- Bindé J. Por uma ética do futuro. Jornal Folha de São Paulo. Caderno 1, p. 3. 1997.
- Colello SM. Gasparian Educação e Intervenção escolar. In: Revista Internacional d'Humanitas 4, Ed. Mandruvá, SP/Barcelona; 2001. p. 47-56.
- Comte-Sponville A. Pequeno Tratado das Grandes Virtudes. São Paulo: Martins Fontes; 1995.
- Delours J, organizador. Educação: um tesouro a descobrir. 4a ed. São Paulo: Cortez / Brasília (DF): MEC/UNESCO; 2000.
- Fagundes MB. Aprendendo valores éticos. Belo Horizonte: Autêntica; 2000.
- La Taille Y. Vergonha – a ferida moral. São Paulo: Vozes; 2002.
- La Taille Y. Cognição, Afeto e Moralidade. In: Oliveira MK, Rego T, Souza D, organizadores. Psicologia, Educação e as Temáticas da Vida contemporânea. São Paulo: Moderna; 2002.
- Manzini-Covre ML. O que é cidadania. 3a ed. São Paulo: Brasiliense; 1994.
- Menin MSS. Valores na Escola. Educ Pesquisa, São Paulo. 2002;28(1):91-100.
- Moreno M, Sastre G, Leal A, Busquets M. Falemos de sentimento: a afetividade como tema transversal. São Paulo: Moderna; 1999.
- Parâmetros Curriculares Nacionais. Apresentação dos Temas Transversais: Ética / Secretária de Educação Fundamental. 2a ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2000.
- Perrenoud P. Construir competência é virar as costas aos saberes? In: Pátio Revista pedagógica, ano 3, nº 11 Porto Alegre. Ed. Artmed, 2000, 15-19
- Piaget J. O juízo moral na criança. São Paulo: Summus; 1994.
- Puig JM. Ética e valores: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo; 1998.
- Rodrigues C, Souza H. Ética e Cidadania. São Paulo: Moderna; 1994.
- Santomé JT. Globalização e interdisciplinaridade: o currículo integrado. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
- Silva RP. Currículo Tradicional ou Temas Transversais? Uma Pergunta Que Merece Reflexão. Lumen Rev Estudos Comunicações, SP–IESP/UNIFAI. 2001;15(2):51-62.
- Silva RP. Cinema e Temas Transversais na Escola. Lumen Rev Estudos Comunicações, SP–IESP/UNIFAI. 2003;19(1).
- Silva RP. Cinema e Educação em Valores: lidando com a Formação Moral na Escola [dissertação]. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, FE/USP; 2004. (Mestrado em Educação)
- Silva RP. Cinema e educação. São Paulo: Cortez; 2007.
- Silva RP. A construção de valores na escola: das metas às práticas pedagógicas. In: Galasso RN, Lopes MCR, Hansen JH. Identidade docente – uma construção entre saberes e práticas. São Paulo: Centro Universitário São Camilo; 2007.
- Tugendhat E. Décima primeira lição: virtudes. In: Lições sobre ética. Petrópolis (RJ): Vozes; 1996.

FILMOGRAFIA

- Juno. Dir. Jason Reitman; Prod. Fox Searchlight Picture - Canadense-americano; 2007

Recebido em: 15 de março de 2012

Aprovado em: 30 de março de 2012